



**GUIA DE ESTUDOS / *STUDY GUIDE***

# **CSNU - Especial**

**Conselho de Segurança para Ex-alunos**



**FAAP**  
*Desde 1947*



**FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO**



**F Ó R U M**  
**FAAP**  
**DE DISCUSSÃO**  
**ESTUDANTIL**

**GUIA DE ESTUDOS / *STUDY GUIDE***

De 30 de maio a 02 de junho de 2018  
São Paulo  
[www.faap.br](http://www.faap.br)  
[forumfaap\\_com@faap.br](mailto:forumfaap_com@faap.br)  
(11) 3662-7262



# FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO

## CONSELHO DE CURADORES

### Presidente

Sr<sup>a</sup>. Celita Procopio de Carvalho

### Integrantes

Dr. Benjamin Augusto Baracchini Bueno

Dr. Octávio Plínio Botelho do Amaral

Dr. José Antonio de Seixas Pereira Neto

Sr<sup>a</sup>. Maria Christina Farah Nassif Fioravanti

## DIRETORIA EXECUTIVA

### Diretor-Presidente

Dr. Antonio Bias Bueno Guillon

## ASSESSORIA DA DIRETORIA

### Assessor Administrativo e Financeiro

Sr. Tomio Ogassavara

### Assessor de Assuntos Acadêmicos

Prof. Rogério Massaro Suriani

## FACULDADE DE ECONOMIA

### Diretoria

Prof. Silvio Passarelli

### Coordenação

Prof<sup>a</sup>. Fernanda Petená Magnotta

Prof. Paulo Dutra Costantin

### Fórum FAAP de Discussão Estudantil - Coordenação

Prof. Victor Dias Grinberg



## **CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Bem-vindos, ex-delegados!

É com muita alegria que nós recebemos os senhores para a XV Edição do Fórum FAAP de Discussão Estudantil 2018.

Nesse comitê, realizado especialmente para o retorno dos senhores ao centro dos palcos das simulações, traremos um tema polêmico, merecedor de muita discussão e, inclusive, passível de mudança na cronologia que conhecemos: a guerra do Iraque.

O ano é 2003 e as tensões internacionais estão à flor da pele. O 11 de setembro de 2001 abalou as estruturas do Sistema Internacional, como eram conhecidas até então, e a ameaça ao fim da promessa da Paz Liberal se torna cada vez mais latente. O ponto é: como prosseguir? A ONU deve agir? A força militar é a saída?

O Conselho de Segurança é um comitê histórico. Portanto, fica a cargo dos senhores manter ou mudar a história como é conhecida na atualidade.

Esperamos que aproveitem essa oportunidade exclusiva e que criem mais lembranças inesquecíveis como as que criaram em edições anteriores.

Atenciosamente,

Equipe do Fórum FAAP.



## HISTÓRICO DO COMITÊ

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, visando a reorganização do Sistema Internacional e a manutenção da Paz Mundial, o projeto, idealizado há muito tempo por Woodrow Wilson, começa a tomar forma e, dessa vez, de maneira mais eficiente do que a tentativa anterior - a Liga das Nações, cujas falhas de atuação custaram ao mundo mais uma Guerra.

Após diversas conferências realizadas ainda no fim da Segunda Guerra, demonstrando a fé num mundo pacífico no futuro, a Carta da Organização das Nações Unidas (ONU) foi elaborada e assinada e, posteriormente, em 24 de outubro de 1945, já era ratificada pelos 50 países (51 com a Polônia que assinou 2 meses depois), dando início à Organização que transcende o tempo e aproxima nações, buscando, sempre e minimamente, a paz mundial.

Como recompensa pela liderança na vitória da recém-findada guerra e, também, por ocupar posições estrategicamente importantes na balança de poder mundial, Estados Unidos da América (EUA), União Soviética (URSS), Reino

Unido, França e China detiveram o privilégio de integrar, de forma permanente, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). O P-5 (os 5 permanentes) sempre fez parte do quórum de discussões do CSNU. Além desses, o CSNU trabalha com 10 cadeiras rotativas, com mandatos de 2 anos, e intuito de garantir representatividade para todas as regiões do mundo, mediante eleições na Assembleia Geral das Nações Unidas. Todos os Estados presentes nas discussões estão submetidos às mesmas regras procedimentais, com direito a um voto. O P-5 detém a opção de vetar propostas, isto é, para que uma resolução seja, de fato, aceita e colocada em prática, é necessário o aval dos EUA, URSS, Reino Unido, França e China. Se os 5 votarem a favor, a proposta passa, se um votar contra, ela é vetada e não é colocada em prática.

Vale lembrar que todos os signatários da Carta das Nações Unidas concordam em aceitar e executar as decisões tomadas no CSNU, detentor de caráter mandatório, ao contrário dos outros órgãos, dentro do imenso escopo contemplando os diversos braços da ONU.



## **HISTÓRICO DO PROBLEMA**

### **O MUNDO PÓS-GUERRA FRIA**

#### **A primeira metade da década de 1990**

A queda do muro de Berlim (1989) e o fim da Guerra Fria (1991) marcaram um período de hegemonia e unipolaridade dos Estados Unidos no Sistema Internacional, além de marcar o triunfo do capitalismo sobre o socialismo soviético e a vitória da doutrina da Paz Liberal.

A vitória do liberalismo capitaneado pelos Estados Unidos propiciou a disseminação internacional da ideia segundo a qual a paz liberal, calcada na democratização e no estímulo à economia de mercado, seria a chave para a resolução dos conflitos internacionais contemporâneos. (KEMER, et al, p. 140, 2015)

O mundo, depois de duas grandes guerras e da tensão bipolar na Guerra Fria, finalmente, respirava aliviado e olhava para o futuro com otimismo.

Francis Fukuyama, historiador, escreveu nesse período um de seus livros mais famosos, que exprime muito bem o sentimento de posi-

tividade da época. Em “O Fim da História”, Fukuyama analisa a evolução da história humana frente a diversas filosofias e, inclusive, sustenta que o liberalismo econômico seria considerado o ápice da evolução econômica da sociedade contemporânea, e a democracia, por outro lado, representaria a igualdade nas oportunidades. Dentro da doutrina da Paz Liberal, todos seriam livres e capazes de conquistar seus objetivos. (KANAAN, ..., p.1)

Segundo Fukuyama (1992, p. 12), “a democracia liberal continuaria como a única aspiração política corrente que constitui o ponto de união entre regiões e cultura diversas do mundo todo”. Não haveria precedente para os níveis de desenvolvimento proporcionados, tanto para os países industrializados quanto para os países pobres. Estes últimos receberiam uma série de investimentos sociais visando uma igualdade de oportunidades a todos os cidadãos do mundo. (KANAAN, ..., p. 2)

Nesse contexto, a globalização ganha força. O momento é de integração, com o nascimento da União Europeia e do Euro, por exemplo; da promoção de fóruns internacionais para



discussão de assuntos econômicos, como foi o Fórum Econômico Mundial de Davos; de boas relações entre o mundo desenvolvido e o mundo subdesenvolvido, como foi o Consenso de Washington, tentativa do FMI de traçar as medidas necessárias, numa espécie de receita para o desenvolvimento econômico para os líderes da latino-americanos.

As possibilidades eram muitas e a convergência entre as diversas nações era algo razoavelmente simples de se obter. Existia, de fato, a crença de que a humanidade havia alcançado seu ápice. A segurança, pauta primordial nas agendas dos Estados até então, abria espaço para novos temas, como os Direitos Humanos e a preocupação com o meio ambiente. A esperança reinava.

A abertura das agendas dava espaço à maior preocupação para com o terceiro mundo, não apenas os Estados, mas também seus povos. Nascia e era aplicado o conceito da Responsabilidade de Proteger (*Responsability to Protect*), o R2P, conceito aplicado quando se faziam necessárias, ao ver dos países-membros da Organização, intervenções com o intuito de garantir os

direitos, a paz e a justiça. Nasciam as operações de paz da ONU, que, por sua vez, tinham mais força do que nunca.

### **A segunda metade da década de 1990**

As diversas crises financeiras que se alastraram pelos países em desenvolvimento (a do México em 1995 e a da Rússia, em 1998) afetaram os diversos mercados mundiais, especialmente os investimentos nos países semelhantes aos afetados. A segunda metade da década de 1990 já se iniciava com certo grau de ceticismo. Além dessas, também existiu a bolha do .com que afetou de forma mais intensa os mercados desenvolvidos.

Além disso a dissolução da URSS e o surgimento dos diversos países, que também aderiram à ONU, tornavam as decisões que necessitavam de consenso mais difíceis de serem tomadas. As resoluções da Organização Mundial do Comércio (OMC), recém-criada, por exemplo, eram frequentemente travadas e postergadas para reuniões futuras.

Vale ressaltar, também, o momento em que



a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) ignorou a resolução do CSNU, em 1999, que não autorizava uma intervenção militar-humanitária no Kosovo, passando por cima dos vetos russo e chinês, e tomando as ações que julgavam necessárias em território Kosovar.

A segunda metade dos anos 1990 não carregou consigo a carga imensa de positividade que a anterior. Os acontecimentos desse período começavam a colocar, discretamente, em cheque, aquilo que se acreditou anteriormente. Nascia a dúvida: a história teria mesmo chegado ao fim e a sociedade mundial havia de fato atingido o ápice?

### **DEFINIÇÃO DO PROBLEMA**

#### **O 11 DE SETEMBRO E A MUDANÇA DE PARADIGMAS**

Se a paz liberal e todo o ideal de fim da história já estava em cheque na segunda metade dos anos 1990, o ataque terrorista às Torres Gêmeas do World Trade Center e ao Pentágono, no fatídico 11 de setembro de 2001, foi o marco final para uma mudança radical de paradigmas mundo afora.

O ataque terrorista foi planejado e realizado pelo grupo fundamentalista islâmico Al-Qaeda como forma de retaliação à atuação ocidental, especialmente americana, no Oriente Médio, em episódios tais quais a presença do exército americano na Arábia Saudita, o apoio ao Estado de Israel e as sanções impostas ao Estado Iraquiano. Tais motivos foram expostos por Osama Bin Laden em duas *fataawa* (uma em 1996 e outra em 1998), um pronunciamento legal, no Islamismo, sobre um assunto específico, emitido por um especialista na lei religiosa (muito similar à encíclica católica, emitida pelos Papas).

Em “Declaration of War against the Americans Occupying the Land of the Two Holy Places” (1996), Bin Laden realizou diversas críticas ao governo americano com relação a suas atuações nas operações militares-humanitárias mundo afora. O *fatwa* de 1998, “World Islamic Front for Jihad Against Jews and Crusaders”, foi assinado por mais quatro autoridades islâmicas, de outras partes do mundo, como Egito, Bangladesh e Paquistão. Juntos a Bin Laden, criticavam a presença americana na Península Arábica, o apoio ao Estado de Israel e as sanções propostas





e aprovadas no CSNU contra o Estado iraquiano.

Nessa, afirmava:

Há mais de sete anos que os Estados Unidos têm ocupado as Terras do Islã, em um dos lugares mais sagrados, a Península Arábica, promovendo a pilhagem de suas riquezas, ditando aos seus governantes como agir, humilhando seu povo, aterrorizando seus vizinhos, e transformando suas bases na Península em uma ponta de lança através da qual promoverão a luta contra os povos muçulmanos vizinhos. (...) eles vêm para aniquilar o que resta desse povo e para humilhar seus vizinhos muçulmanos. (BIN LADEN, et al, p. 2, 1998)

O 11 de setembro de 2001 definitivamente instaurou uma nova era na política externa e interna norte-americana, uma era de securitização, proteção e retaliação. No quesito interno, por exemplo, pode-se citar o decreto assinado em outubro de 2001, o ato patriota, que teve como intuito a facilitação da captura de terroristas, dando aval para que órgãos de inteligência, tais com o FBI, a CIA e a NSA, vasculhem a privacidade dos cidadãos. No quesito externo, como grande hegemonia, representante dos

valores da paz liberal e protetor do mundo livre, um atentado daquele porte, em território americano, teria uma resposta, minimamente, à altura.

A reação dos EUA aos ataques foi, ela também, ditada pela situação particular que ocupa aquele país no centro do Império global e pela natureza especial dos ataques, que desafiaram essa posição: uma resposta feita ao mesmo tempo de unilateralismo, de intervencionismo e do eventual e bem medido (“à la carte”) apelo ao multilateralismo e à cooperação seletiva, sob a forma de alianças e parcerias.

A segurança nacional volta, inclusive, muitas vezes ao topo das agendas mundo afora. Novas guerras, em menor escala que as mundiais, voltam a ser travadas, em ações coordenadas estadunidenses com apoio da OTAN, numa busca férrea pelo arquiteto dos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono, Osama Bin Laden. Dava-se início aí à doutrina do, então presidente norte-americano, George W. Bush: a Guerra ao Terror.

### **A Guerra ao Terror**

Segundo o presidente Bush, não foi só a nação norte-americana quem sofreu com os atentados



terroristas do 11 de setembro, mas também a liberdade. Dessa forma, os inimigos não devem ser somente combatidos, mas levados à justiça. A “Guerra ao Terror” seria a resposta eficiente a esses e outros desafios. (DUTRA, p.1, 2015)

Numa estratégia global contra o terrorismo e, também, como retaliação ao ataque recém-sofrido, George W. Bush se pronunciou no discurso que traçou e marcou a doutrina que daria rumo à atuação norte-americana, a partir daí:

Nosso inimigo é uma rede radical de terroristas e todos os governos que a apoiam. (...) Nossa guerra contra o terrorismo começa com a Al Qaeda, mas não se encerrará com ela. Não terminará até que todos os grupos terroristas de alcance mundial tenham sido identificados, detidos e derrotados. (...) A luta envolve todo o mundo. É uma luta pela civilização. É a luta daqueles que acreditam no progresso e pluralismo, tolerância e liberdade. (...) Convidamos todos os países a que se unam a nós. (BUSH, 2001, tradução da autora)

O discurso não é mais de uma ameaça estatal como nos tempos da Guerra Fria, mas de um inimigo novo, o terrorismo transnacional (LIMA apud LEITE, p. 42, 2005). Na inexistência da possi-

bilidade de ataque, pensando no quesito militar, a uma entidade não estatal, os alvos para intervenções militares tornaram-se países que, de alguma maneira fornecessem “patrocínio” ou proteção a esses grupos; além disso, vale ressaltar que países que ameaçassem os princípios de liberdade e de democracia, dos quais os EUA se tornaram os grandes guardiões, também seriam possíveis alvos. Conforme mencionado pelo próprio Departamento de Estado americano: “Agiremos ativamente para levar a esperança da democracia, do desenvolvimento e do livre comércio para todos os cantos do mundo” (NATIONAL SECURITY STRATEGY, 2002, tradução da autora).

A primeira ameaça identificada foi o Estado afegão, dominado desde 1996 pelo grupo fundamentalista Islâmico Talibã, que promoveu mudanças estruturais baseadas na Sharia, na forma de vida do povo, privando, por exemplo, as mulheres da maioria das atividades fora de casa, banindo manifestações culturais, etc.

### **A Guerra do Afeganistão**

Depois dos atentados terroristas de 11 de Setembro, a intervenção no Afeganistão é colocada não apenas

como uma forma de espalhar bons princípios e valores, mas como questão de segurança nacional, portanto, como um ponto-chave na chamada “guerra ao terror”. (LEITE, p.1, 2009)

Com conhecimento de que o Talibã fornecia abrigo político aos membros da Al-Qaeda, os Estados Unidos exigiram a extradição do autor dos ataques do 11 de setembro e chefe da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, que já era procurado pela Organização das Nações Unidas desde 1999. O pedido não foi atendido pelo Estado afegão, que, em seguida, foi invadido por forças norte-americanas e inglesas em outubro de 2001. A participação do Reino Unido foi de fundamental importância para a derrubada do regime talibã (objetivo central da missão). Aí começava a operação Liberdade Dura-doura, aprovada pelo CSNU e colocada em prática pelos EUA e Reino Unido, e, posteriormente, em conjunto com toda Organização do Tratado do Atlântico Norte.

A ISAF (Força Internacional de Assistência para Segurança) foi criada em dezembro de 2001 e, inicialmente, era liderada pelo CSNU para garantir a estabilidade da capital afegã, Cabul,

supervisionar as operações militares e treinar a força de Segurança Nacional Afegã.

As forças militares ocidentais aliadas à Frente Islâmica Unida para a Salvação do Afeganistão, ou Aliança do Norte (grupo afegão que luta contra o regime talibã desde 1996), têm de forma conjunta tentado instaurar um governo democrático no Afeganistão.

Os talibãs organizados, tanto na fronteira do Paquistão, quanto no próprio território, planejaram e colocaram em execução planos para retomar o governo numa tentativa de insurgência. A guerra ainda não tem perspectiva para término e o paradeiro de Osama Bin Laden ainda é desconhecido.

## O IRAQUE



Fonte: G1 Notícias

O Iraque está localizado no Oriente Médio que faz fronteira com o Kuwait, Arábia Saudita,



Jordânia, Síria, Irã e Turquia. O território de 438.317km<sup>2</sup> é governado por Saddam Hussein desde 1979. Hussein participou do golpe de Estado que retirou o governo anterior e colocou o partido Ba'ath no poder em 1968, ascendendo na hierarquia até tornar-se presidente (e primeiro-ministro, simultaneamente, por determinado período, de 1979-1991).

### **O governo de Saddam Hussein**

Hussein ficou internacionalmente conhecido como ditador iraquiano que travou diversas guerras no Oriente Médio. A primeira, contra o Irã do Aiatolá Khomeini (1980-1988), na qual deteve, inclusive apoio do presidente norte-americano Ronald Reagan, que apostava no Iraque para a derrubada do regime fundamentalista xiita no Irã. Não houve vencedor declarado na situação, afinal, contabiliza-se um total de 1 milhão de mortes nos 8 anos de conflito.

A segunda, conhecida como Primeira Guerra do Golfo, foi iniciada com a invasão e a anexação de parte do território do Kuwait ao Iraque, de forma unilateral, em 1990, por conta, principalmente, de desavenças entre o Estado iraquiano

e o do Kuwait nas decisões da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) com relação à quantidade de petróleo produzida.

Assim que foi declarada a anexação do território, o Sistema Internacional rejeitou a nova república iraquiana e decretou o embargo econômico ao petróleo iraquiano, cujas reservas dobrariam com a anexação do Kuwait. O bloqueio econômico também se estendia à esfera da compra de importados, ou seja, Saddam Hussein estava impedido de vender petróleo e de comprar quaisquer bens no exterior.

Em 1991, numa manobra multilateral dos Estados Unidos, com respaldo da comunidade internacional, foram enviadas tropas para a fronteira Iraque-Kuwait, que obrigaram Saddam Hussein a recuar.

Sem ter como evitar a derrota, Saddam, da mesma forma que tinha pretextos nada convincentes para invadir o Kuwait, como questões de limites territoriais e cotas de petróleo, transformou em reféns os estrangeiros que viviam no país, fez a paz sem restrições com o Irã - pondo fim a uma guerra que durava dez anos e custara 120 mil vidas iraquianas - e ainda tentou atrair Israel para o conflito, propondo a troca



do Kuwait pelas terras palestinas ocupadas pelo Estado judeu. Não deu certo. Em novembro, a ONU deu um ultimato: intimou o Iraque a abandonar o Kuwait até 16 de janeiro, sob risco de bombardeio. (G1, 2013)

As sanções ainda estão mantidas e o programa *Food for oil* foi estabelecido em 1996. Programa que permite a venda de uma determinada cota de petróleo com o objetivo único da compra de comida e remédios para a população iraquiana.

### **O massacre de Halabja**

Hussein também foi considerado responsável por crimes contra a humanidade. Dentre eles, um dos mais devastadores e que causou imensa repercussão foi o Massacre de Halabja.

A discussão em torno da noção de crimes contra a humanidade tem-se desenvolvido desde 1907. Mas, foi o Estatuto do Tribunal de Nuremberg, onde se definiu no artigo 6.c como crimes dessa natureza, ‘os atos desumanos cometidos contra a população civil, a perseguição por motivos políticos, o homicídio, o extermínio, a deportação e outros’. (FRÖHLICH, p. 112, 2011)

Considerado pela comunidade internacional como genocídio contra o povo curdo da cidade de Halabja, os ataques, coordenados pelo governo de Saddam Hussein, foram realizados com gás sarin e mostarda, além de um líquido sem cor nem cheiro que causa extrema devastação no sistema nervoso, levando as pessoas expostas a perderem as funções corpóreas e, se não tratadas imediatamente, a entrarem em coma ou sofrer falência respiratória. (CRUZ, 2017)

O ataque aconteceu no fim da Guerra Irã-Iraque de forma deliberada contra a população curda civil que se rebelava, desde 1983, na tentativa de obter sua independência. Aconteceu em 16 de maio de 1988, ficou conhecido como Sexta-Feira Sangrenta e deixou cerca de cinco mil mortos.

Vale ressaltar, também, que as armas químicas também foram utilizadas no contexto da Guerra Irã-Iraque contra os iranianos.

Depois desses acontecimentos, a comunidade internacional se mobilizou para a confecção, assinatura e ratificação da Convenção Sobre Armas Químicas, que começou a vigorar em 1997, limitando a utilização de tais armas de destruição em massa.



## Armas de destruição em massa

“Foram identificados [pelos Estados Unidos] como ameaças à segurança, Estados autoritários que desenvolviam projetos de hegemonia regional, armas de destruição em massa e promoviam o terrorismo internacional” (PECEQUILO, 2005, p. 395). E, nessa classificação, enquadrar-se-ia o Estado iraquiano, por diversas circunstâncias.

Depois do acontecido na Guerra do Golfo, no acordo do cessar-fogo, em 1991, o CSNU estabelecia as condições a serem seguidas e, a partir daí, o Iraque ficava terminantemente proibido de produzir novas armas de destruição em massa e mísseis balísticos e, sob supervisão internacional, deveria eliminar as já produzidas.

Em agosto de 1998, o Iraque decidiu não mais colaborar com a equipe de inspetores da Organização das Nações Unidas, responsável por verificar se o país detém ou não armas de destruição em massa. Aí já se iniciava o embate constante que se prolongaria pelos próximos 5 anos entre Iraque e as Nações Unidas.

Nessa época, EUA e Reino Unido já se posicionavam

a favor da intervenção militar no Iraque, afim de averiguar a existência de tais armas. Enquanto Rússia, China e França estavam contrários.

Hussein passou a realizar uma série de exigências para que as inspeções fossem mantidas, tais quais que o chefe da comissão, na época Richard Butler, australiano, fosse substituído. O governo Iraquiano acusava Richard de enviesar e prolongar a inspeção, por influência norte-americana. Exigia, também, que a UNSCom (Comissão Especial da ONU para o Desarmamento do Iraque) deslocasse sua sede de Nova Iorque para Genebra (Suíça) ou Viena (Áustria). Diversas acusações foram feitas pelo governo iraquiano, que acreditava que a UNSCom fornecia informações sigilosas ao governo norte-americano.

Com o aumento das tensões entre a ONU (especificamente a UNSCom) e o Iraque, que se recusava a cooperar com os fiscais, em dezembro desse mesmo ano, Butler, ainda chefe da missão, declarou abertamente à mídia que Hussein ainda tentava barrar o trabalho dos inspetores e, horas depois de tal declaração, os funcionários da ONU foram retirados. (BBC, 1998)



Começava a operação Raposa do Deserto, coordenada pelos EUA e Reino Unido. Missão que bombardeou o Iraque por quatro dias (16 a 19 de dezembro de 1998).

O objetivo oficial da ofensiva contra cerca de 100 alvos iraquianos foi afetar a capacidade iraquiana de produzir armas de destruição em massa. (...) No ataque, foram usados mísseis de cruzeiro, de longo alcance, e também aviões, que bombardearam os alvos. Além de instalações associadas à possível produção de agentes químicos e biológicos, também foram visadas sedes da polícia secreta e da Guarda Republicana, baterias antiaéreas e uma refinaria de petróleo na cidade de Basra (sul do país). (BBC, 1998)

Alguns dias depois, o Iraque voltou a se pronunciar afirmando que não permitiria mais os inspetores da UNSCom no país. As dúvidas sobre a natureza da operação, ou seja, se funcionava como fonte de informações para o governo norte-americano começaram a aumentar, contaminando outros países do Sistema Internacional, que passaram a exigir que a comissão fosse substituída por um novo órgão. Mas, apesar da criação da UNMOVIC (Comissão das Nações Unidas de Vigilância, Verifi-

cação e Inspeção), que substituíra sua antecessora em 1999, o Iraque ainda se mostrava firme, não permitindo a inspeção.

A desconfiança com o Iraque só crescia, quando George W. Bush assumiu a presidência norte-americana, em 2000, sob a promessa de uma atuação mais “dura” para com o Iraque. E, se a promessa já existia e tinha respaldo da população norte-americana, com o 11 de setembro, ela foi levada ao extremo:

Estados como esses [Iraque, Irã e Coreia do Norte], e seus aliados terroristas, constituem um eixo do mal, que se arma para ameaçar a paz no mundo. Ao procurar armas de destruição em massa, esses regimes colocam um grande e crescente perigo. Eles poderiam prover armas a esses terroristas, dando-lhes os meios necessários que condizem com seu ódio. Eles poderiam atacar nossos aliados ou tentar chantagear os Estados Unidos. Em qualquer um desses casos, o preço da indiferença poderia ser catastrófico. (BUSH, 2002)

Classificado como parte do Eixo Do Mal, junto ao Irã (por seu fundamentalismo religioso) e à Coreia do Norte (e seus resquícios do Stalinismo), as discussões no CSNU sobre



uma possível intervenção militar em território iraquiano começavam a vir à tona.

É apresentada em novembro de 2002 uma resolução no CSNU, aprovada por unanimidade pelos 15 membros, exigindo do Iraque acesso total aos inspetores, que formulariam uma declaração sobre o estado dos Programas de Armas de Destruição em Massa. A resposta de Hussein foi clara: “Se for publicada uma resolução que respeite os princípios da ONU, da lei internacional e a independência, soberania e segurança do Iraque, e não que proteja as más intenções dos Estados Unidos, nós estaremos dispostos a negociá-la”.

EUA, Reino Unido e Espanha não estavam totalmente satisfeitos com a situação, nem com a última resolução do CSNU e, então, começaram a redigir uma nova proposta para atuação no Iraque, mais dura. Mas essa proposta causou um grande alvoroço nas reuniões de março de 2003. O ponto principal de discordância, inclusive entre os P-5, era com relação à autorização da guerra. Para França, Rússia e China a resolução abria espaço para um ataque, quase que automático, dos EUA ao Iraque.

## **PANORAMAS**

### **OS CINCO PERMANENTES**

#### **Estados Unidos**

A doutrina de Guerra ao Terror, instaurada em 2001, é um fator importante a se considerar na posição da grande potência norte-americana. O Iraque e suas armas de destruição em massa, as quais ele não forneceu provas de que se livrou, sob regime de um déspota como Saddam Hussein, que já promoveu ataques contra civis e genocídios, são uma ameaça. O Iraque de Saddam Hussein é considerado pelos neoconservadores como principal ameaça à estabilidade no Oriente Médio e à segurança dos Estados Unidos (TEIXEIRA apud LEITE, p. 47, 2010). Uma ameaça, não apenas aos EUA, mas também ao mundo todo.

Integrantes da administração Bush, especialmente o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, e o vice-presidente, Dick Cheney, juntamente às publicações, passaram a associar o regime de Saddam Hussein à rede terrorista Al-Qaeda e seu líder, Osama bin Laden (KAUFMANN apud LEITE, p.47 2004).





A solução para os Estados Unidos é uma intervenção militar, que funcionaria de maneira preventiva. Acredita-se que segurança do território norte-americano e do mundo dependeria disso. Como George W. Bush afirma:

Hoje, o perigo mais grave na guerra ao terror, o mais grave perigo que afronta a América e o mundo são os regimes fora da lei, que procuram e possuem armas nucleares, químicas e biológicas. Esses regimes poderiam usar essas armas para chantagear, aterrorizar e praticar assassinatos em massa. Eles ainda poderiam ceder ou vender esses armamentos aos aliados dos terroristas, que poderiam usá-las sem a menor hesitação. (BUSH *apud* LEITE, 2009)

“Cada país, em cada região, devem tomar, agora, uma decisão: Ou estão conosco ou estão com os terroristas”. (BUSH *apud* SANTOS, p. 79, 2007)

### **Reino Unido**

O Iraque foi protetorado britânico de 1920 a 1932 e ambos mantinham boas relações comerciais. O Reino Unido era o maior comprador de petróleo iraquiano. Mas, nos últimos meses, o Iraque tem dado prioridade a outros países, o Egito e a

Jordânia, por exemplo. (BBC, 2002)

O Reino Unido é o principal aliado norte-americano no CSNU. Afirmam, juntos, que o Iraque não tem colaborado e se quer tem intenção de colaborar com a Organização das Nações Unidas. (BBC, 2002)

Participou da formulação de uma proposta mais dura de atuação para com o Iraque, em conjunto com EUA e Espanha. “A proposta acusa o líder iraquiano Saddam Hussein de ter desperdiçado as oportunidades que lhe foram dadas para se desarmar e poderia abrir caminho para uma possível ofensiva militar contra o Iraque”. (BBC, 2002) No entanto, Tony Blair afirma que há de existir, nessa proposta, um prazo limite (até a primeira quinzena de março) para que o Iraque apresente suas armas.

A posição defendida pelo premiê britânico Tony Blair está sendo criticada não só pela oposição, mas por membros de seu próprio gabinete e por boa parte da população. Uma pesquisa divulgada pelo jornal *The Guardian* em janeiro indica que 47% dos britânicos se apõe a uma possível ação militar contra o Iraque. Outro problema enfrentado por Blair é a oposição à guerra de dois dos parceiros da Grã-Bretanha na União Europeia: a França e a Alemanha. (BBC, 2002)



### **França**

A França não está 100% convencida de que Iraque possua, de fato, um arsenal de armas de destruição em massa e prioriza a via diplomática em vez da militar. Sem descartar a possibilidade da necessidade militar, a ministra da defesa francesa, Michele Alliot-Marie, afirmou que “as forças francesas vão estar prontas para intervir, caso necessário”.

Apresentou propostas em conjunto com Alemanha e Rússia para intensificação dos programas de inspeção no Iraque. E, com a proposta 1441 aceita, defende que não haveria porque criar novas resoluções, enquanto o Iraque respeitasse o que foi estipulado. (BBC, 2002)

Tradicionalmente, Iraque e França mantêm boas relações econômicas e políticas. Por exemplo, 5% do petróleo iraquiano exportado vai para França.

Segundo o cientista político Paulo Fagundes Vizentini, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o que os franceses contestam não é a posição dos Estados Unidos contra o Iraque, mas sim a postura do país de relegar seus aliados europeus a segundo plano na hora de tomar decisões. (...) Gamaliel Perruci, especialista em

assuntos militares do Marietta College, de Nova York, disse que a “França está tentando aumentar seu status político na Otan e na ONU” ao se opor à ofensiva contra o Iraque. (BBC, 2002)

### **Rússia**

A Rússia é a principal aliada do Iraque no Conselho de Segurança e insiste na ideia de que uma ofensiva militar não seja a saída para o desarmamento iraquiano. Mas não descartou completamente essa possibilidade. De acordo com analistas, os russos temem que, ao ir contra o posicionamento norte-americano, causem uma deterioração nas relações com os EUA, que, atualmente, são muito importantes para sua economia. (BBC, 2002)

Uma mudança de regime no Iraque pode trazer consequências desagradáveis para os russos, que investem no setor petrolífero e exploram outros recursos naturais do país. A continuidade desses contratos, no caso da mudança, estaria à mercê do novo governo, que, por sua vez, poderia ser mais amigável a Bush do que a Putin. (BBC, 2002)

Outra preocupação do Kremlin seria o aumento



da hegemonia norte-americana no Oriente Médio, em locais que, tradicionalmente, fazem parte da região de influência de Moscou.

### **China**

A China é o membro menos ativo do Conselho de Segurança com relação à crise iraquiana, mas se mantém favorável ao pacifismo.

Segundo a agência de notícias Reuters, o ministro do Exterior Tang Jiaxuan disse que os esforços devem ser concentrados em forçar o Iraque a se desarmar sem uma guerra. O ministério do Exterior chinês também reiterou que não vê a necessidade de uma nova resolução contra o Iraque - como a apresentada em uma proposta dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Espanha no dia 24 de fevereiro. (BBC, 2002)

Os temores da iminência de uma guerra já fizeram com que a China acelerasse seu projeto de construir uma reserva estratégica de petróleo. Afinal, atualmente importa cerca de 40% do petróleo que utiliza. E o consumo só tende a subir.

Assim como a Rússia, teme pelo aumento da hegemonia norte-americana no Oriente Médio. Entretanto, a manutenção de boas relações

com os EUA pode ser a chave para o sucesso do crescimento econômico chinês. “Por isso, alguns analistas chineses acreditam que o país pode se abster, no caso da votação de uma nova resolução da ONU autorizando uma ofensiva.” (BBC, 2002)

### **MEMBROS ROTATIVOS**

#### **Alemanha e Síria**

Os dois países se posicionam a favor de uma solução pacífica, colocando a militar como último recurso, apenas utilizado depois que todas as alternativas diplomáticas estiverem esgotadas.

A Alemanha se uniu à França e à Rússia na formulação de propostas de intensificação dos programas de fiscalização no Iraque. E o primeiro-ministro alemão, Gerhard Schröder, prometeu, durante sua campanha de reeleição, em 2001, que iria lutar contra a possibilidade de guerra. (BBC, 2002)

#### **Espanha e Bulgária**

Espanha e Bulgária foram os únicos membros não permanentes a declarar abertamente o apoio à posição norte-americana. Acreditam



que o Iraque detém, sim, armas químicas e que a guerra preventiva seria uma saída plausível. (BBC, 2002)

A Espanha, inclusive, em conjunto com os EUA e o Reino Unido, apresentou diversas propostas de resolução nas reuniões do CSNU. (BBC, 2002)

### **Chile**

Dentre os países sul-americanos, o Chile é aquele que detém as melhores relações com os EUA. Firmou um tratado de livre comércio que começou a vigorar em 2002. Tal fato pode influenciar suas decisões de voto no CSNU. (BBC, 2002)

### **México**

O presidente mexicano, Vicente Fox, declarou ser a favor de uma solução pacifista para a crise do Iraque, mas não deixou de descartar que ainda exista a possibilidade do apoio ao uso da força. (BBC, 2002)

Diversos analistas da BBC temem que, por conta dos fortes laços econômicos com os EUA, aos quais se unem no NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte), não apoiar a

potência norte-americana causaria um estre-  
mecimento nas relações entre ambos os países. (BBC, 2002)

### **Paquistão**

O Paquistão ainda não deixou sua posição clara. Mas, vale ressaltar, que foi um dos principais aliados na ofensiva militar americana contra o Afeganistão. (BBC, 2002)

Apesar de grande parte da população paquistanesa, especialmente no norte do país, se opor aos EUA, acredita-se que o presidente Pervez Musharraf deseje manter boas relações com George W. Bush com o objetivo de obter o apoio americano na disputa com a Índia na região da Caxemira. (BBC, 2002)

### **Angola, Camarões e Guiné**

#### **Equatorial**

Considerados países subdesenvolvidos, Angola, Camarões e Guiné Equatorial teriam interesse na ajuda econômica que os EUA poderiam oferecer. Tal fato pode afetar suas decisões no CSNU. (BBC, 2002)



## **DOCUMENTO DE POSIÇÃO OFICIAL (DPO)**

Considerando o que foi apresentado neste guia de estudos, o Documento de Posição Oficial (DPO) de cada delegado deve conter uma página e seguir a formatação:

- Fonte Times New Roman, tamanho 12.
- Espaçamento simples.
- Texto justificado.
- Margens de 2cm.
- Nome oficial do país, em caixa-alta, negrito e centralizado.
- Símbolo do comitê no canto superior esquerdo.
- Brasão de armas ou emblema nacional no canto superior direito.
- Assinatura do delegado no canto inferior direito.

Respeitando a política externa de cada Estado, ressaltar seu posicionamento ao que deve

ser feito com relação à situação do Iraque. Procurem responder às seguintes perguntas: O que a Organização das Nações Unidas deveria fazer? Como deve ser resolvida essa crise com o Estado iraquiano? Como garantir que armas de produção em massa ainda existam ou não? Uma intervenção é a saída?

O DPO deve ser entregue até o fim da primeira sessão para correção e avaliação. Os documentos terão notas atribuídas que serão contabilizadas aos outros pontos e estarão sempre disponíveis para consultas durante todos os dias do Fórum FAAP.

Vale lembrar que os DPOs devem ser autorais. O plágio, além de ilegal, incorre em nota 0 (zero) para o documento.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIAS INTERNACIONAIS. **Iraque rompe colaboração com a ONU** [on-line]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft06089801.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

AL RUBAYE, Ahmad. **Richard Butler, ex-chefe de inspeções da ONU, diz não ter dúvida de que Bagdá possui armas de destruição em massa** [on-line]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0902200303.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

BARROSO, Luís Fernando M. **A Paz Democrática, o Iraque e o Perigo de Guerra** [on-line]. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/205>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

BBC. **A posição dos membros do conselho de segurança** [on-line]. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/especial/1939\\_conselho/page2.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/especial/1939_conselho/page2.shtml)>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BBC. **After 9/11: Global effects of the 'war on terror'** [on-line]. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-14844727>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

BBC. **Bush adverte Iraque contra armas de destruição em massa** [on-line]. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/011126\\_iraquedg.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/011126_iraquedg.shtml)>. Acesso em: 14 jan. 2018.

BBC. **Cronologia: o Iraque de Saddam** [on-line]. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/especial/1826\\_saddamsiraq2/page8.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/especial/1826_saddamsiraq2/page8.shtml)>. Acesso em: 14 jan. 2018.

BBC. **'Iraque pode ser desarmado sem guerra', diz Schröder** [on-line]. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2003/030213\\_iraqueep1.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2003/030213_iraqueep1.shtml)>. Acesso em: 15 jan. 2018.

BELLINI, Izabele. **A intervenção da OTAN no Kosovo: Controvérsias em um novo paradigma nas relações internacionais** [on-line]. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3778/1/2012\\_IzabeleBellini.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3778/1/2012_IzabeleBellini.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2018.

BIN LADEN, Osama. **Osama Bin Laden's 1998** [on-line]. Disponível em: <<https://www.911memorial.org/sites/default/files/Osama%20bin%20Laden's%201998%20Fatwa%20declaring%20war%20against%20>>



the%20West%20and%20Israel.pdf> Acesso em: 12 jan. 2018.

CANDELORI, Roberto. **USA Patriotic Act e o fim da privacidade** [on-line]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u13850.shtml>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CRUZ, Darllam. **5 ataques com armas químicas que entraram para a história** [on-line]. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/5-episodios-com-armas-quimicas-que-entraram-para-a-historia/>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

DEUTSCH WELLE. **2001: Atentado terrorista às Torres Gêmeas nos EUA** [on-line]. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/2001-atentado-terrorista-%C3%A0s-torres-g%C3%A0meas-nos-eua/a-18708622>> 2016>. Acesso em: 13 jan. 2018.

DEUTSH WELLE. **Intervenção da Otan no Kosovo fez repensar o direito internacional, dizem especialistas** [on-line]. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/interven%C3%A7%C3%A3o-da-otan-no-kosovo-fez-repensar-o-direito-interna>

cional-dizem-especialistas/a-4122856>. Acesso em: 13 jan. 2018.

DUTRA, Walkiria Z. **“Guerra ao Terror”**: A (des)construção de uma resposta estratégica de combate ao terrorismo [on-line]. Disponível em: <<http://revista-estudospoliticos.com/wp-content/uploads/2015/12/Vol.6-N.1-p.148-170.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

EFE. **ONU elimina sanções ao Iraque herdadas da era de Saddam**. [on-line] Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/12/onu-elimina-sancoes-ao-iraque-herdadas-da-era-de-saddam-1.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

FOLHA. **Conselho de Segurança da ONU discute resolução sobre Iraque** [on-line]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u21308.shtml>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

FOLHA. **Presidente Bush lançou “guerra ao terror” após ataques de 11/09** [on-line]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/967481-presidente-bush-lancou-guerra-ao-terror-apos-ataques-de-1109.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FOLHA. **Saiba quem foi ditador Saddam Hussein** [on-line]. Disponível em <<http://www1.folha>



uol.com.br/folha/mundo/ult94u103259.shtml>.

Acesso em: 13 jan. 2018.

FURLONG, Ray. **Schroeder começa campanha pela reeleição**. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/08/050813\\_germanymvv.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/08/050813_germanymvv.shtml)>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FROHLICH, Sandro. **Crimes contra a Humanidade e Tribunal Penal Internacional: a humanidade reconhecida como titular de direitos fundamentais**. [on-line]. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V\\_MOSTRA\\_PDF/Ciencias\\_Criminais/83775-SANDRO\\_FROHLICH.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Ciencias_Criminais/83775-SANDRO_FROHLICH.pdf)>. Acesso em: 14 jan. 2018.

GOZÁLEZ, Enric. **Histórico das inspeções revela trapaceiras iraquianas** [on-line]. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0902200305.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

ITAMARATY. **Armas químicas e biológicas**. [on-line]. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/148-armas-quimicas-e-biologicas>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

KANAAN, Hanen Sarkis. **O Fim Da História E O**

**Último Homem** [on-line]. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1451/1224>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

LEITE, Lucas. **George W. Bush e a construção do inimigo na guerra ao terror** [on-line]. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/viewFile/3861/4161>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MACHADO, Daniella. **Mapa do Iraque** [on-line]. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL910144-5602,00.html>> 2008 Daniella Machado>. Acesso em: 12 jan. 2018.

O GLOBO. **Iraque invadiu o Kuwait em 1990, provocando uma reação mundial** [on-line]. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/iraque-invadiu-kuwait-em-1990-provocando-uma-reacao-mundial-10159360#ixzz54M2CATFI>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

SANCHEZ, Giovana. **Raio X da guerra: Afeganistão** [on-line]. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/07/raio-x-da-guerra-afeganistao.html>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SANTOS, Marcel. **O poder norte-americano e a**





**América Latina no pós-Guerra Fria.** São Paulo: Annablume, 2007.

TERRA. **Todos os crimes imputados ao regime de Saddam** [on-line]. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI1230713-EI865,00-Todos+os+crimes+imputados+ao+regime+de+Saddam.html>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

TERRA. **Veja as resoluções da ONU sobre Iraque desde 2002** [on-line]. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI313504-EI865,00-Veja+as+resolucoes+da+ONU+sobre+Iraque+desde.html>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

UPI. **1988 Kurdish massacre labeled genocide.** [on-line]. Disponível em: <[https://www.upi.com/Top\\_News/Special/2010/03/08/1988-Kurdish-massacre-labeled-genocide/UPI-93471268062566/](https://www.upi.com/Top_News/Special/2010/03/08/1988-Kurdish-massacre-labeled-genocide/UPI-93471268062566/)>. Acesso em: 14 jan. 2018.